

Santa Mônica:

Lágrimas e esperança

Quem nunca derramou algumas lágrimas na vida? Eu não conheço nenhum relato assim. As lágrimas fazem parte da vida humana, e expressam os sentimentos mais próprios do ser humano, a dor, a tristeza, a alegria, a saudade. Ora, as lágrimas podem representar muito, ainda mais quando uma mãe as deixa cair.

Esse foi o caso de Santa Mônica, nascida em 331 na então cidade de Tagaste (África). Foi ela uma mulher que não poupou lágrimas em toda sua vida, resumindo-a em oração e pranto.

Contudo, o pranto de Mônica não expressava senão amor, dirigindo-o a Deus em prol da conversão de seu filho, Agostinho. Tais lágrimas são fruto de um coração confiante em Deus, como se pode inferir a partir do relato de S. Agostinho no livro VI, das suas Confissões: "chorava por mim como se estivesse morto, porém morto destinado à ressurreição".

S. Agostinho relatou em parte a vida de sua mãe, e a qualificou como uma viúva casta, piedosa e sóbria, pura e modesta. Além desses adjetivos, incluiu o seu serviço aos santos, a fidelidade nas esmolas e na oferta ao altar, e a presença constante na Igreja para ouvir a Palavra de Deus.

Os elogios à sua vida também partiram do bispo Santo Ambrósio, que congratulava-se com Agostinho por ele ter semelhante mãe. Ambrósio a respeitava por sua vida tão religiosa, dedicada às boas obras e aos serviços da Igreja. Agostinho ainda testemunha um caráter conciliador em Mônica, que ouvia as partes e buscava conciliá-las.

A vida de Mônica também está marcada pelo convite à conversão que fez ao seu esposo Patrício, expresso por meio do exercício das virtudes. Ela suportou santamente as infidelidades conjugais, e soube não discutir com ele quando estava encolerizado. Um exemplo de esposa cristã. Seu esposo se faria batizar e pouco depois viria a falecer.

Mônica pode ser descrita como uma mulher fortalecida pela esperança, mas sem poupar lágrimas. Conforme Agostinho: "não cessava de chorar por mim diante de ti, em todos os momentos de suas orações" (Confissões, III, 11). Ela, cheia de fé e lágrimas, ouvia de um bispo palavras ao mesmo tempo consoladoras e proféticas: "Vá e viva em paz, pois é impossível que possa perecer um filho de tantas lágrimas" (Confissões, III, 12). A conversão de seu filho se tornaria realidade, Agostinho receberia o batismo na vigília pascal de 387 pelas mãos de Santo Ambrósio, em Milão.

Após esse episódio e em regresso à África, num colóquio em Óstia Tiberina, Mônica diz a Agostinho: "Meu filho, nada mais me atrai nesta vida [...] por um só motivo eu desejava prolongar a vida nesta terra: ver-te católico antes de eu morrer. Deus me satisfaz amplamente." E assim, após um período de nove dias de enfermidade, aos cinquenta e seis anos de idade, Mônica nasce para o céu.

O seu último pedido foi que dela lembrassem no altar do Senhor. Agostinho enquanto faz uma prece a Deus por sua mãe, diz-lhe ternamente: "desejou somente que nos lembrássemos dela diante de teu altar, ao qual ela não deixou um só dia de servir; porque sabia que aí se oferece a Vítima santa".

O grandioso exemplo dessa mãe e esposa ultrapassa os séculos, ensinando-nos a confiar em Deus, a persistir nas orações, e a ofertar nossa própria vida no altar. Um modelo de cristã. Foi Mônica a mulher perseverante que derramou lágrimas que chegavam a banhar a terra, para que seu filho viesse a ser banhado em Cristo.

Luis Hernandes Matos Leite
Formando da Ordem de Santo Agostinho.
luishernandes@pop.com.br

Homenagens

Neste ano de 2010, recordamos com carinho e gratidão a consagração religiosa de nossos Freis José de Jesus Saraiva e Luiz Antônio Pinheiro, que celebraram no mês de fevereiro 25 anos de sua Profissão Religiosa. Fizeram seu noviciado no ano de 1984, na Comunidade Nossa Senhora da Consolação e Correia, na cidade do Rio de Janeiro, e professaram os votos de pobreza, obediência e castidade no dia 02 de fevereiro de 1985, tendo sido Mestre de Novícios Frei José Rodríguez Álvares, nosso outro homenageado deste ano, que está celebrando 50 anos de Vida Religiosa, tendo feito sua Profissão Religiosa no dia 02 de agosto de 1960 em Palencia – Espanha. Aos irmãos aniversariantes nossos parabéns!



Frei José de Jesus Saraiva



Frei Luiz Antônio Pinheiro



Frei José Rodríguez Álvares

Medalha da Inconfidência

Frei Luiz Antônio Pinheiro, indicado pelos seus trabalhos no Vicariato para a Ação Pastoral da Arquidiocese de Belo Horizonte, recebeu a Medalha da Inconfidência, em solenidade no último dia 21 de abril. A entrega da condecoração foi realizada em Ouro Preto, na Praça Tiradentes, marcando o encerramento das comemorações da Semana da Inconfidência que, neste ano, homenageou o centenário do ex-presidente Tancredo Neves. Criada em 1952, pelo então governador Juscelino Kubitschek, a Medalha da Inconfidência é entregue sempre no dia 21 de abril com quatro designações: Grande Colar (Comenda Extraordinária), Grande Medalha, Medalha de Honra e Medalha da Inconfidência. Ela foi criada para homenagear personalidades que contribuíram para o desenvolvimento de Minas Gerais e do Brasil. Neste ano foram homenageadas 279 pessoas, entre artistas, políticos, juristas, empresários, religiosos, entre outros. Nosso Vicariato se alegra por esta homenagem recebida por Frei Luiz Antônio e pelo trabalho que vem realizando junto à Arquidiocese de Belo Horizonte.

Abenda	Maiço:	07 a 10 – Assembleia Vicarial Pré-Capitular - <i>Mário Campos</i> – MG
	10 – Reunião da equipe de formação - <i>Bragança Paulista</i> – SP	26 – Ordenação Diaconal de Frei Haroldo Moreira Filho <i>Bragança Paulista</i> – SP
	22 – Festa de Santa Rita de Cássia	
	Junho:	Julho:
03 a 05 – Encontro de Formandos Agostinianos - <i>Mário Campos</i> – MG	02 a 04 – Encontro Vocacional <i>Bragança Paulista</i> – SP	



Nossa página na internet:
www.agostinianos.org.br
Nosso e-mail: vicariato@agostinianos.org.br

Inquietude

VICARIATO AGOSTINIANO NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO
ANO IX - Nº 73 – Janeiro a Maio de 2010

Espírito Santo

A energia de vida que transforma o mundo

Viver é mudar permanentemente. No nosso corpo, as células se renovam a cada instante. O ser humano é caracterizado pela capacidade de transformar o mundo e, ao mesmo tempo, adaptar-se, cada vez, às condições da vida. Nesta missão de fazer história e cultura, o ser humano é chamado a construir-se a si mesmo e a cuidar amorosamente do planeta Terra e da vida. A partir de Fóruns Mundiais e Regionais, grande parte da humanidade busca "um novo mundo possível". Neste processo, a maioria das pessoas descobre que esta tarefa da transformação do mundo inclui, necessariamente, uma viagem ao mais interior e profundo do ser humano para renovar a sua capacidade de amar, reconciliar-se e viver a criatividade a serviço da vida. A Bíblia considera esta capacidade um dom que Deus disponibiliza para todas as pessoas que aceitam abrir-se ao diferente e deixar-se conduzir pelo amor. Diversas tradições espirituais estão de acordo que esta energia profunda que renova o ser humano é o próprio Espírito que nos diviniza.

Cada ano, no final do tempo pascal, as Igrejas celebram o domingo de Pentecostes, ao qual a devoção popular chama de festa do Divino, para agradecer ao Pai o envio do Espírito, mãe de amor que enlaça todo o universo com sua ternura e nos renova em sua sabedoria.

O mundo, mergulhado na injustiça e na violência, vive a carência profunda de um Pentecostes, não para converter a humanidade a uma determinada religião, mas para fortalecer um movimento de diálogo entre as culturas. Conforme o Novo Testamento, o primeiro sinal de Pentecostes foi o fato de pessoas de línguas e culturas diferentes passarem a se compreender (At 2).

As religiões têm por função ajudar a humanidade a se abrir ao Espírito de Deus e viver sob sua inspiração. Hoje, todas as grandes religiões se defrontam com doenças como o fundamentalismo e o fanatismo em muitos de seus membros. No lugar de serem fermento de paz e unidade no mundo, as religiões têm sido responsáveis, ao menos em parte, por mais da metade das guerras que assolam a humanidade.

O nosso olhar deve estar suficientemente aberto e atento às profundezas misteriosas onde o Espírito habita. Então, o reconheceremos presente em todas as culturas e religiões e Ele nos inspirará no caminho da paz e da comunhão com o universo.

Desde séculos antigos, no Domingo de Pentecostes, as comunidades católicas e ortodoxas iniciam a celebração cantando: "O Espírito do Senhor, o universo todo encheu. Tudo abarca em seu saber, tudo enlaça em seu amor, aleluia, aleluia!" (Sab. 1,7).

Marcelo Barros
Monge e Escritor



Fala Agostinho

Uma economia da fraternidade

Os nossos sonhos e desejos se manifestam na busca da felicidade, saúde e a prosperidade que recebemos de Deus como sementes para que sejam plantadas e floresçam ao longo de nossas vidas. Muitos de nossos anseios esbarram em nossa disposição em concretizá-los, e, não muitas vezes, na forma com a qual nos relacionamos tanto com as pessoas quanto com os bens materiais.

A economia se torna um tema de reflexão pertinente em nossa vida, se o fizermos para além do senso comum. A economia trata não somente das relações que envolvem dinheiro, mas da organização da vida pessoal e comunitária, onde as normas e as regras sociais devem visar o pleno desenvolvimento do ser humano.

Santo Agostinho ao discutir sobre a riqueza e a pobreza reforça o que deve existir além do que se vê aparentemente da relação monetária. **“Por mais rico que alguém seja na terra, sempre é mendigo de Deus” (Sermão 56, 9).** A busca desenfreada do coração humano em acumular no intuito de prover as suas necessidades pessoais, não justifica as relações de desigualdade entre os irmãos uma vez que para nós que acreditamos em Cristo, **“as verdadeiras riquezas são aquelas que, uma vez possuídas, não podemos perder” (Sermão 113, 5).**

Desta forma, a posse dos bens materiais nos dá a segurança diante das realidades efêmeras, mas nos colocam diante do desafio de enxergar o próximo e as suas necessidades que, muitas vezes, transcende as dos bens materiais. Pois, engana-se aquele que pensa que, pelo fato de dar algo ao necessitado cumpriu o seu papel de cristão: **“Se dás esmola para continuar pecando impunemente não só não alimentas Cristo, mas procuras suborná-lo enquanto Juiz” (Sermão 39, 6).**

Além da prática da justiça monetária é necessário a prática da justiça afetiva. Esta se concretiza com o cuidado e reconhecimento do outro como seu semelhante. Por isto, quando Santo Agostinho escreve **“pensa sempre nos pobres”**, no seu Sermão 25, 8, nos convida a um olhar atento ao outro que busca não somente comprometimento com a justiça social mas o desejo de alma e coração por estabelecer vínculos fraternos expressos na vivência cotidiana com nossos irmãos necessitados de bens materiais, espirituais e afetivos.

Ao ampliarmos a nossa reflexão sobre a economia temos a oportunidade de criar em nosso espírito cristão a economia da fraternidade. E como exercício desta prática, buscamos uma forma de se relacionar com o próximo que vise utilizar os bens materiais a serviço das necessidades dos que padecem, mas também da criação dos vínculos entre os seres humanos. **“Usar é orientar o objeto de que se faz uso para obter o objeto ao qual se ama” (A doutrina cristã 3,3).** Os bens materiais devem ser entendidos como meios e não metas a serem alcançadas em nossa vida. Ou seja, recursos para que possamos juntos, e amando-nos uns aos outros, chegar à finalidade de comungar com o próprio Deus na vida dos irmãos.

Desprezar os bens materiais não é a solução para uma convivência harmoniosa com Deus e os irmãos. **“Quando vedes os ricos maus, pensais que as riquezas são más? As riquezas em si não são más; mas eles. As riquezas são dons de Deus” (Sermão 15 A, 5).** Na verdade, o fundamental é que seu uso deve proporcionar a nós o desejo de uma relação mais justa e fraterna entre o homem e a criação. A fraternidade nos coloca sob o mesmo patamar, onde **“irmãos e companheiros de pobreza” (Sermão 14, 2)** se relacionam com um Deus que proporciona ricas experiências vinculares de solidariedade através de uma economia cuja sua moeda é o amor.

Frei Arthur Vianna Ferreira, osa.
freiARTHUR@ig.com.br

A C O N T E C E U

Nova Casa de Formação

Desde o dia 15 de janeiro está em funcionamento a nova casa de formação do Vicariato Nossa Senhora da Consolação, em Belo Horizonte, destinada à etapa do Aspirantado, que recebe os jovens procedentes dos encontros vocacionais para o seu primeiro ano de formação em nossa etapa inicial de formação para a Vida Religiosa. A casa está situada no Bairro Nova Granada, e foi alugada junto aos Padres Betahamitas. São 14 formandos procedentes de vários Estados do Brasil (Maranhão, Pará, Alagoas, Pernambuco, Goiás, Minas Gerais, São Paulo). Os formandos cursam o primeiro ano de Filosofia no ISTA (Instituto Santo Tomás de Aquino).

Os primeiros dias foram dedicados à organização da casa, convivência, passeios, retiros, esporte, entre outras atividades. Os Freis Márcio Antonio Vidal de Negreiros e Alberto Carlos Gonçalves de Oliveira são

responsáveis pelo acompanhamento deste grupo de formandos. No dia 30 de janeiro, uniram-se as duas casas de formação para uma aula inaugural. Houve também a bênção da casa e um almoço festivo em que participaram todos os frades de Belo Horizonte, os padres Betahamitas e seus formandos e as funcionárias.



Profissão de Votos

No domingo, dia 31 de janeiro, na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em Bragança Paulista - SP, cinco formandos de nosso Vicariato professaram seu compromisso com a Vida Religiosa, manifestando publicamente o desejo de se consagrarem a Deus através dos Conselhos Evangélicos da Pobreza, Obediência e Castidade na Ordem de Santo Agostinho. Os Freis Alexandre Escame Ferreira, Douglas dos Santos Alves, Emerson Carlos Silva, Jeferson Felipe Gomes da Silva Cruz e Márcio Ferreira Afonso professaram seus votos ante o Prior Regional, Frei Luiz Augusto Mattos, em nome e vez do Prior Geral da Ordem, Frei Robert Francis Prevost, como pede o ritual. A celebração Eucarística contou com a presença de grande número de fiéis, familiares, amigos e religiosos da Ordem de Santo Agostinho e outras Ordens e Congregações. Na mesma celebração iniciaram seu ano de Noviciado

os Freis Everton Ferreira da Silva, Felipe Alves de Assis e Rodrigo Antônio de Jesus. Durante a homilia, Frei Luiz Augusto destacou o valor da consagração religiosa como testemunho de seguimento a Jesus Cristo. Assim como em outros estados de vida e vocação, a fidelidade ao Evangelho e o esforço em alimentar os sonhos e utopias do Reino de Deus, devem nos manter firmes diante dos compromissos assumidos. Cultivar a vocação como quem cultiva uma rosa ou uma pérola, vencendo as manifestações de escuridão que hoje assolam a humanidade. O Mundo atual nos assusta e também nos encanta, devemos, pois, disse ele, saber buscar o equilíbrio. Os Professores iniciaram, no mês de fevereiro, sua caminhada formativa na casa do Teologado, em São Paulo, preparando-se para a mudança ao nosso antigo Teologado na cidade de Diadema - SP, onde viveu a comunidade formativa dos anos 1988 a 1999.



Ordenação Presbiteral

No dia 06 de fevereiro, na Paróquia São Gonçalo, na cidade de Contagem - MG, foi ordenado sacerdote Frei Eustáquio Alves Goveia. Natural de Belo Horizonte, Frei Eustáquio passou boa parte de sua vida junto à sua família no município de Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, bem como toda sua formação na fé se deu na Paróquia São Gonçalo. Terceiro filho de um total de nove irmãos, teve sempre o apoio na fé por parte de seus pais Serafim e Naziza. Um outro irmão seu também é sacerdote, Padre Antonio Goveia, do clero diocesano da Arquidiocese de Belo Horizonte. Frei Eustáquio, após um breve período de experiência vocacional junto aos Franciscanos, ingressou no Seminário Santo Agostinho de Bragança Paulista - SP, no ano de 2001, para a etapa do Aspirantado. De 2002 a 2004 cursou Filosofia no Instituto Santo Tomás de Aquino, em Belo Horizonte, vivendo na Fraternidade Agostiniana. Em 2005 fez o



seu ano de Noviciado e os primeiros votos no dia 02 de fevereiro de 2006, em Bragança Paulista- SP. Seus estudos Teológicos foram feitos em São Paulo. A celebração de sua Ordenação foi presidida pelo Cardeal de Belo Horizonte, Dom Serafim Fernandes de Araujo, que destacou na homilia aspectos que marcaram as origens históricas de sua família e a de Frei Eustáquio, procedentes da mesma região de Minas Gerais. Enfatizou o valor da família como lugar primordial para a experiência de Deus e base para o sustento e crescimento na fé. Participaram grande número de fiéis de algumas comunidades por onde passou Frei Eustáquio e da Paróquia Cristo Redentor, no Barreiro, em Belo Horizonte, onde ele já está residindo e trabalhando. Estiveram presentes muitos religiosos (as), amigos e todos os formandos do Vicariato. Frei Eustáquio celebrou sua primeira missa em uma das comunidades de sua paróquia de origem e, a segunda missa, na paróquia Cristo Redentor, onde atua como Vigário Paroquial. Frei Eustáquio também é membro da comunidade de formação na Fraternidade Agostiniana.

Lançamento de Livros

No dia 08 de fevereiro, na Paróquia Cristo Redentor, em Belo Horizonte, aconteceu a cerimônia de lançamento de dois livros de Frei Paulo Gabriel, o primeiro, pelas Edições Paulinas, intitulado **“Em desnuda oração – Salmos da rua”**, com poesias que, no dizer de Leonardo Boff, nascem da admiração das coisas cotidianas transfiguradas pelo olhar do poeta e, o segundo, **“Incerta Travessia”** pela Mazza editora, que, como diz Dom Pedro Casaldáliga, trazem belos poemas marcados de um realismo forte, dramaticidade entre ternura e paixão e entre o mistério da incerta travessia. Seus poemas têm uma geografia da alma, com santuários definidos: Castilla, Minas Gerais, Araguaia. A Igreja esteve cheia com a presença de paroquianos, amigos, religiosos e religiosas, seminaristas, políticos e tantas pessoas que marcaram a vida e ministério de Frei Paulo Gabriel em Belo Horizonte e São Félix do Araguaia – MT.



No dia 16 de abril, também em Belo Horizonte, ocorreu o lançamento do livro de Frei José Maurício da Silva, intitulado **“O Lugar do Pai, uma construção imaginária”**, pela editora Annablume. Em sua obra, fruto do trabalho como educador e psicólogo, Frei José Maurício busca refletir, como destaca o Psicanalista Paulo Roberto Ciccarelli, **“desde as mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas, o lugar do pai fazendo uma leitura crítica e reflexiva, uma verdadeira arqueologia da questão do pai, que começa na antiguidade e no contexto bíblico até o lugar do pai nos dias atuais, considerando aspectos históricos, antropológicos, do direito e da psicanálise”**.